

Olga Fernandes

PROFESSORA COORDENADORA
ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DO PORTO, PORTUGAL

Desenvolvimento de Competências dos Estudantes de Enfermagem em Ensino Clínico

A reforma de Bolonha impôs ao ensino superior repensar o sistema de formação e equacionar a estrutura dos currículos de enfermagem ao nível da licenciatura. A formação de 1º ciclo assinala uma componente de ensino clínico (EC) com cerca de 50% da componente lectiva total, desenvolvida em vários contextos de cuidados de saúde. É consensual a ideia que a qualidade das aprendizagens é directamente proporcional às aprendizagens adquiridas nos contextos clínicos, nomeadamente se estas se orientarem para o desenvolvimento de um perfil de competências (já proposto pela Ordem dos Enfermeiros) e que defende como qualificantes para o exercício profissional.

Utilizar o termo «competência» para a educação e orientação das aprendizagens implica reconhecer elementos e níveis na produção dos estudantes. Comparando com a sala de aula, a aprendizagem em EC decorre num contexto social complexo onde se misturam lógicas do fazer, pressupondo sempre actividade cognitiva, mediada por factores culturais, situacionais, psicológicos, emocionais, entre outros. Implica itinerários, roteiros, nos quais surgem e se desenrolam acontecimentos, emergem fenómenos no âmbito dos cuidados de saúde e enfermagem e que darão lugar ao desenvolvimento de saberes, das competências esperadas, a alcançar, conforme plano de estudos do curso (FERNANDES, 2007).

A linguagem das competências revela-se como uma das linhas mais adequadas para a consulta e diálogo entre os professores e os programas de formação inicial com relevância e adequação à vida profissional. Três ideias principais a considerar no processo: dada a polissemia do conceito, ora associado a qualidade, habilidade, qualificação ou até performance, considerar a assunção de um modelo de operacionalização dessas competências em função de uma ideologia consistente (mobilize conhecimentos e conceitos, procedimentos, princípios específicos que caracterizam a performance desejada); necessidade de estabelecer patamares com indicadores precisos que indiquem o nível de desenvolvimento da competência; por último, o desenvolvimento de competências revela-se como um processo de aprendizagem demorado, implicando um contrato didáctico. Nesta perspectiva pressupõe uma aprendizagem centrada no estudante, nos processos de organização do pensamento, nos processos adaptativos, na clarificação de resultados esperados de aprendizagem, explícitos e atingíveis.

Defende-se a ideia de que no acompanhamento deste processo, se percebam e potencializem os dispositivos formativos que se estabelecem e que permitem a optimização das aprendizagens e o desenvolvimento de competências.

Palavras-chave: Desenvolvimento de Competências, Ensino Clínico, Estudantes de Enfermagem